

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NOTURNO**

**Darlene Ilha Gomes**

**PERCEPÇÕES DE EDUCADORAS ESPECIAIS NO PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

**Santa Maria, RS**

**2018**

**Darlene Ilha Gomes**

**PERCEPÇÕES DE EDUCADORAS ESPECIAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Especial Noturno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do título de **Licenciatura em Educação Especial.**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Glaucimara Pires Oliveira

Santa Maria

2018

**Darlene Ilha Gomes**

## **PERCEPÇÕES DE EDUCADORAS ESPECIAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Especial Noturno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do título de **Licenciatura em Educação Especial.**

**Aprovada em 14 de dezembro de 2018**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Glaucimara Pires Oliveira, Doutora  
(Presidente/Orientadora- UFSM)**

---

**Taís Guareschi, Doutora. (UFSM)**

---

**Anelise dos Santos da Costa, Mestre. (UFSM)**

## Dedicatória

Então...dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso à toda minha família, pai, mãe, filhas, irmãos, marido, sogra, sogro e a todos que me deram a maior força para chegar até aqui. Vocês fazem toda diferença na minha vida!!!! Amo vocês..

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente à Deus por me proporcionar fazer parte de toda minha trajetória acadêmica, do qual eu me orgulho muito, meus pais por todo o esforço que tiveram para ver, tanto eu quanto meus irmãos termos um estudo digno, chegar em mais um momento importante das nossas vidas, minhas filhas, pelo qual não me dediquei esse último ano, por me aturar nas horas em que eu precisava muito ler e escrever para fazer esse TCC, meu marido por muitas vezes achar que eu estava desistindo dele, mas na verdade o estresse tomava conta de mim, meus sogros pelo apoio, meus colaboradores e amigos da 068 que sempre incentivaram para mim não desistir....

Agradeço imensamente minha orientadora que confia em mim, quando eu já estava perdendo a confiança, muito obrigada mesmo professora Glaucimara com certeza a senhora está sendo muito importante nesse momento.

## RESUMO

# PERCEPÇÕES DE EDUCADORAS ESPECIAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

AUTORA: Darlene Ilha Gomes

ORIENTADORA: Glaucimara Pires Oliveira

Santa Maria, dezembro de 2018.

Esta pesquisa intitulada “Percepções de Educadoras Especiais no processo de alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual”, teve como objetivo analisar as estratégias pedagógicas que educadoras especiais utilizam no processo de alfabetização de alunos com deficiência intelectual. Como fundamentação teórica aborda as seguintes temáticas: Histórico da Educação Especial, Deficiência Intelectual, Estratégias Pedagógicas. Na metodologia utilizou-se abordagem qualitativa, onde se desenvolveu um estudo de caso e tendo como instrumentos para coleta de dados entrevista semi-estruturada. Os sujeitos da pesquisa foram Educadoras Especiais do interior do Rio Grande do Sul e que atuam em Sala de Recursos Multifuncional. Como resultado, observou-se que as professoras têm sua percepção de alfabetização e de estratégias pedagógicas que subsidiam a aprendizagem dos alunos, primando pelo aprendizado dos seus alunos, através do lúdico, de materiais concretos para que eles consigam se desenvolver destacando suas potencialidades. Conclui-se que as estratégias pedagógicas priorizam os recursos didáticos na prática educativa.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Deficiência Intelectual. Estratégia Pedagógica.

# **PERCEPTIONS OF SPECIAL EDUCATORS IN THE PROCESS OF LITERACY OF STUDENTS WITH INTELLECTUAL DISABILITIES**

AUTHOR: Darlene Ilha Gomes

PROFESSOR ADVISOR: Glaucimara Pires Oliveira

This research entitled "Perceptions of Special Educators in the Literacy Process of Students with Intellectual Disabilities", aimed to analyze the pedagogical strategies that special educators use in the literacy process of students with intellectual disabilities. Theoretical background covers the following themes: Special Education Background, Intellectual Disability, Pedagogical Strategies. In the methodology it was used a qualitative approach, where a case study was performed and having as instruments for collecting data a semi-structured interview. The subjects of this research were Special Educators of the countryside of Rio Grande do Sul and who act in Multifunctional Resource Room. As outcome, it was observed that the teachers have their perception of literacy and pedagogical strategies that assist the students' learning, focusing on their learning, through the playful, concrete materials so that they can develop highlighting their potentialities. It was concluded that the pedagogical strategies prioritize the didactic resources in the educational practice.

**Key-words:** Special Education. Intellectual Disability. Pedagogical Strategy.

## LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A- Roteiro de Entrevista.....	35
APÊNDICE B-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	37
APÊNDICE C-Carta de Apresentação.....	38



## LISTA DE ABREVIATURAS

AAIDD – Associação Americana de Deficiência Intelectual

AH/SD – Altas Habilidades/ Superdotação

CID- 10 – Código Internacional de Doenças

DI – Deficiência Intelectual

DM – Deficiência Mental

DSM – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais

ID – Intellectual Deficiency

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

RS – Rio Grande do Sul

TEA – Transtorno do Espectro Autista

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

## SUMÁRIO

<b>Resumo</b> .....	6
<b>Abstract</b> .....	7
<b>Lista de Abreviaturas</b> .....	9
<b>Introdução</b> .....	11
<b>Referencial Teórico</b> .....	13
2.1. Iniciando o percurso histórico da Educação Especial no Brasil.....	13
2.2. Deficiência Intelectual.....	16
2.3. Alfabetização e a Deficiência Intelectual.....	18
2.4. O papel do Educador Especial da Sala de Recurso Multifuncional.....	20
2.5. Estratégias Pedagógicas.....	21
<b>3. Metodologia</b> .....	23
3.1. Instrumentos.....	23
3.2. Participantes.....	23
3.3. Local da pesquisa.....	24
3.4. Questões Éticas.....	24
3.5. Procedimento de coleta dos dados.....	24
3.6. Procedimento de análise de Dados.....	25
<b>4. Análise e Discussão dos Resultados</b> .....	26
4.1. Alfabetização.....	26
4.2. Estratégias Pedagógicas.....	27
4.3. Recurso Didático.....	29
<b>5. Considerações Finais</b> .....	31
<b>6. Referências</b> .....	32
<b>7. Apêndices</b> .....	34

## 1.INTRODUÇÃO

Iniciei meus estudos na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 2014, por meio do SISU (Sistema de Seleção Unificada) com enorme expectativa sobre o curso de Licenciatura em Educação Especial- Noturno.

No decorrer do curso minhas expectativas foram sendo atendidas, a cada disciplina meu interesse e envolvimento com as áreas e o público alvo que a Educação Especial abrange só aumentavam.

As experiências vivenciadas durante o período de graduação fez com que eu pudesse desfrutar de interações com as pessoas das mais diversas áreas da Educação Especial, tais como Transtorno do Espectro Autista (TEA), Surdocegueira, Deficiência Intelectual (DI), Deficiência Visual (DV), Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), de modo, que a que mais me despertou o interesse foi a área da Deficiência Intelectual. Surgiu curiosidade em saber como é a aprendizagem de um aluno com deficiência intelectual, em vista disso, estabeleceu-se como temática como é a alfabetização dos alunos com deficiência intelectual no ponto de vista de Educadoras especiais.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como questionamento norteador: *Quais as percepções das educadoras especiais frente à aplicação de estratégias pedagógicas no processo de alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual?*

Como objetivo geral busco: “Analisar as percepções das educadoras especiais frente à aplicação de estratégias pedagógicas no processo de alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual”. Quanto aos objetivos específicos, correspondem em:

- a) Verificar quais as estratégias pedagógicas que as educadoras especiais utilizam para auxiliar o aprendizado do aluno;
- b) Identificar as perspectivas das educadoras especiais na alfabetização do aluno com Deficiência Intelectual;
- c) Identificar recursos pedagógicos que educadoras especiais utilizam para facilitar a alfabetização dos alunos com Deficiência Intelectual.

A escolha do tema deste estudo deu-se a partir da disciplina de História e Realidades do Atendimento Educacional de Alunos com Deficiência Mental e Avaliação e Alternativas Pedagógico-Metodológicas para alunos com Deficiência Mental, pois houve interesse em saber como ensinar um aluno com D.I. No oitavo semestre, com a matrícula na disciplina de Estágio Supervisionado I - Observação e Proposta, o que promoveu observações e a elaboração de propostas de intervenções, confirmou ainda mais a minha escolha.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste contexto iremos apresentar um breve histórico da Educação Especial, o conceito de educação especial, deficiência intelectual, Alfabetização e Estratégias Pedagógicas, estes conceitos serviram para fundamentar a pesquisa.

### **2.1. Iniciando o percurso histórico da Educação Especial no Brasil**

Ao longo da história a humanidade afastou e excluiu o diferente por não se encaixar dentro dos padrões de normalidade, negligenciando o direito de integrar e conviver em sociedade. Antigamente as pessoas com necessidades especiais eram rejeitadas e discriminadas, pois, durante muito tempo a sociedade acreditava que eles traziam desarmonia ou maus espíritos e acabavam sendo muitas vezes sacrificados ou abandonados.

Na Idade Média com o domínio da igreja, a deficiência era identificada como forma de castigo ou punição e as famílias frequentemente escondiam a pessoa deficiente, por culpa e vergonha.

Segundo Mazzotta (2005, p.12):

é afirmada pela religião que com toda sua força cultural, coloca o homem como “a imagem e semelhança de Deus”, ou seja, um ser livre de imperfeições onde o ser humano deve ser perfeito no seu estado físico mental, sendo assim as pessoas com necessidades especiais não sendo “parecidos com Deus” eram postos à margem da condição humana.

Em meio a esses conflitos, no século XIX, iniciaram-se os serviços de Educação Especial no Brasil, em que experiências norte americanas e europeias, trouxeram convicções para compreender as pessoas com Deficiência Intelectual e física. Essas iniciativas demoraram cerca de um século para que a Educação Especial pudesse fazer parte do sistema educacional, pois, não estavam inseridas nas políticas públicas do país.

Silva (2012), relata que nos anos de 1960, a modalidade de ensino foi instituída oficialmente com a denominação “Educação dos Excepcionais”, conforme

Silva (2012, p.13 apud MANTOAN 2008, p. 4) em seu artigo Educação Especial no Brasil – da exclusão à inclusão escolar, a Educação Especial no Brasil foi dividida em três grandes períodos: o período de 1954 a 1956 foi marcado por iniciativas de caráter privado, ao passo que o período de 1957 a 1993 é marcado por ações oficiais de âmbito nacional, e após 1993, há movimentos em favor da Educação Especial.

Ao longo desses fatos importantes, foram fundadas Instituições de assistência ao deficiente que acolhiam os indivíduos com necessidades especiais, desenvolvendo métodos de ensino para o desenvolvimento dos mesmos. Houve grandes avanços na educação de pessoas com Deficiência Intelectual e após um olhar mais direcionado aos deficientes visuais, o que foi de extrema relevância para esses sujeitos que vem de um contexto histórico segregado.

Pereira; Santana; Santana (2012, p.11), abordam alguns fatos importantes como o surgimento da fase da segregação institucional, visto que, começa a preocupação com o desenvolvimento educacional dessas pessoas através do atendimento educacional que era oferecido geralmente nas chamadas instituições especializadas.

Segundo Brasil (1994), o atendimento às pessoas com deficiência teve início na época do Império, com a criação de duas instituições: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant – IBC, fundada por intermédio de D.Pedro II, isso foi possível devido à presença de José Álvares de Azevedo, que estudara “no Instituto dos Jovens Cegos de Paris, fundado por Valentin Haüy no século XVIII” (MAZZOTA, 2005, p.28), sendo este a principal influência do Imperador para que o mesmo viesse a criar o 1º Instituto especializado para pessoas cegas da América do Sul. E a outra instituição foi o Instituto dos Surdos Mudos, em 1857, hoje denominado Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, ambos no Rio de Janeiro.

No início do século XX é fundado o Instituto Pestalozzi (1926), instituição especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954, é fundada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE; e, em 1945, é criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff.

Em 1950, fundaram no Brasil a AACD- Associação de Apoio à Criança Defeituosa, instituição particular especializada que tem convênio com o estado e a prefeitura de São Paulo, para atender aos alunos da rede estadual e municipal de ensino e que atualmente é chamada de Associação de Assistência à Criança Deficiente.

Em 1961, o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa a ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, que aponta o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino. (BRASIL, 1994).

No Brasil, segundo Mendes (2010), os médicos foram os primeiros a estudar as crianças com prejuízos mentais mais graves e criaram instituições para crianças junto a sanatórios psiquiátricos. Para Januzzi (1985) a luta pela educação do deficiente mental no Brasil aconteceu segundo duas vertentes: Vertente médico-pedagógica: mais subordinada ao médico, não só na determinação do diagnóstico, mas também no âmbito das práticas escolares [...] e vertente psicopedagógica: que não independem do médico, mas enfatiza os princípios psicológicos [...].

Pode-se concluir, que a perspectiva histórica cultural permite um olhar diferente para o sujeito, pois luta pela participação na sua própria história e também pela conquista no processo de participação na sociedade. Essas contribuições nos fazem pensar na construção do pensamento humano, uma fonte de compreensão do mundo e da experiência humana, pois, nota-se uma mudança do pensamento social em relação a esses sujeitos e isso nos permite uma reflexão sobre as práticas pedagógicas para ampliação das potencialidades do indivíduo com deficiência.

A educação especial nos traz políticas públicas importantes para a história do país e que ajudam a subsidiar o trabalho. Dentre elas a LDBEN de 1961, que teve sua atualização no ano de 1971, a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, a Política Nacional de Educação Especial de 1994, e então a LDB de 1996. Também nos anos 2000, mais precisamente 2008, vem a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

## 2.2.DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Historicamente a Deficiência Intelectual foi explicada por várias áreas, desde concepções religiosas, filosóficas e científicas. Também apresentou várias nomenclaturas, como idiotia, imbecilidade, cretinismo e mongolismo. Atualmente essas terminologias são consideradas pejorativas. A partir da conotação científica, trazida pela área médica, outras formas de identificação foram utilizadas, como Retardo Mental, Deficiência Mental.

Assim, a Deficiência Intelectual teve várias definições, ocorrendo mudanças na forma de entendê-la e conceitua-la, conforme o contexto e concepções de cada época.

Outras áreas também contribuem na investigação das causas da deficiência intelectual, entre elas a medicina, a psicologia, neurologia, educação e serviço social.

Atualmente utilizamos o termo Deficiência Intelectual (DI) que está de acordo com a Associação Americana de Deficiência Intelectual e Desenvolvimento (AAIDD, 2010):

La discapacidad intelectual se caracteriza por limitaciones significativas tanto en el funcionamiento intelectual como en la conducta adaptativa tal y como se há manifestado em habilidades adaptativas conceptuales, sociales y prácticas. Esta discapacidad se origina antes de los 18 años.

O funcionamento intelectual, está relacionado à inteligência, vários instrumentos da psicologia são utilizados para auxiliar na avaliação e identificação. As Condutas Adaptativas estão relacionadas ao contexto prático, de autonomia, saúde em relação a vida diária.

A pessoa com Deficiência Intelectual tem dificuldade para aprender, entender e realizar atividades comuns para as outras pessoas. Muitas vezes, essa pessoa se comporta como se tivesse menos idade do que realmente tem e por isso apresentam dificuldades para planejar e executar funções e acabam por precisar de mais tempo, repetição e estímulo. As intervenções dos professores diante ao aprendizado dessa criança devem ser pautadas e diferenciadas para que possibilite que a criança avance e observe suas capacidades para aprendizagem.



O papel da família, escola e educação especial são determinantes para contribuir a história no seu desenvolvimento e aprendizagem desse aluno com deficiência intelectual.

## 2.3. ALFABETIZAÇÃO E A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] entende-se alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia. Entende-se letramento como o processo de inserção e participação na cultura escrita. (BRASIL, 2007, p. 13)

Na fase inicial do processo de alfabetização as práticas, muitas vezes, são baseadas na junção de sílabas simples, memorização de sons, decifração e cópias. Dessa forma muitos alunos passam a ser expectadores passivos quando estão aprendendo de uma forma mecânica e com isso não participam do processo de construção do conhecimento. A afirmação que “alfabetização é algo muito mais abrangente do que saber ler e escrever” (TEBEROSKY, 2008, p. 8) considera a função da leitura e da escrita como instrumento de inclusão social, ao valorizar o contexto e a história do indivíduo quando utiliza estes recursos (leitura e escrita) para que haja reconhecimento social.

Então, a alfabetização é nada mais que dar instrumentos de cultura para os alunos de maneira lúdica e que a cada progresso ele entenda como funciona esses símbolos e como interagir entre eles e como é grafado.

Rosa (2017) aborda que a história da alfabetização no Brasil tem um percurso histórico marcado pelas diferentes utilizações de métodos que foram utilizados ao longo dos anos.

A alfabetização considerada como o ensino das habilidades de “codificação” e “decodificação” foi transposta para a sala de aula, no final do século XIX, mediante a criação de diferentes métodos de alfabetização – métodos sintéticos (silábicos ou fônicos) x métodos analíticos (global) –, que padronizaram a aprendizagem da leitura e da escrita. As cartilhas relacionadas a esses métodos passaram a ser amplamente utilizadas como livro didático para o ensino nessa área (ALBUQUERQUE, 2005, p.11- 12).

Rosa, (2017, p.85 apud Kramer 2006, p. 98) acentua que “[...] alfabetizar-se é conhecer o mundo, comunicando-se e expressando-se [...] alfabetizar não se restringe à decodificação e à aplicação de rituais repetitivos de escrita, leitura e cálculo [...]”. Pontuamos que a alfabetização proporciona aprendizagens que oferecem condições do aluno ampliar suas compreensões através de experiências significativas e necessárias as suas práticas cotidianas enquanto sujeito ativo no seu contexto social.

As pessoas com Deficiência Intelectual incluídas no ensino regular são um desafio para muitas escolas ainda.

Para Dutra (2003, p.46):

Inclusão postula uma reestruturação do sistema de ensino, com o objetivo de fazer com que a escola se torne aberta às diferenças e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais.

Então, no processo de inclusão é papel da escola acolher todo aluno, independente da sua condição, seja com alguma deficiência, o não. Os professores são muito importantes no processo de inclusão dos alunos no ambiente escolar, principalmente os que são público alvo da Educação Especial. Eles precisam de materiais adaptados as suas necessidades e muitas vezes sabemos que isso não acontece. Outra questão, refere-se a falta de capacitação dos professores, principalmente de formação continuada e cursos específicos de aperfeiçoamento, para seguir o trabalho que provavelmente o Educador Especial faz com o aluno no AEE. Destaca-se que é primordial investimento financeiro e políticas públicas em educação que viabilizem o trabalho do professor.

É importante salientar que estas são apenas algumas das concepções que se tem referentes à alfabetização dos alunos com Deficiência Intelectual, pois, são diversos os autores como alguns já mencionados acima que exemplificam a forma ao qual essa aprendizagem ocorre.

Tendo isso em vista é importante salientar as estratégias pedagógicas diante desse aluno e como são essas práticas na sala de aula, com o auxílio de Educadoras Especiais.

## **2.4.O PAPEL DO EDUCADOR ESPECIAL DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL**

Para atuar no atendimento educacional especializado, o professor precisa ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e também formação específica para educação especial (MEC/SEESP, 2010, p.8). Esse profissional também deve fazer cursos de formação continuada, procurando sempre se atualizar e ampliar seus conhecimentos em conteúdos específicos do AEE, para melhor atender seus alunos com necessidades educacionais especiais.

O Educador Especial da Sala de Recursos Multifuncional tem como objetivo desenvolver atividades, através de recursos pedagógicos e tecnológicos que contribuam para a independência e autonomia dos alunos.

Primeiramente quando o aluno chega até a escola é preciso ter todas as possíveis informações sobre ele. Logo é elaborado um histórico sobre sua vida, embasado no relato dos responsáveis, onde todos os detalhes específicos são conversados e anotados. Só depois disso que o professor da Sala de Recursos Multifuncional consegue propor um planejamento para esses alunos.

Esse planejamento é elaborado com as informações repassadas ao educador e ele deverá ser revisado e atualizado conforme as necessidades do aluno, considerando que ele deve ser atendido destacando o que precisa ser desenvolvido, por meio de estratégias que potencializem o cognitivo, o emocional, o motor e o social do aluno.

Alguns cuidados devem ser tomados para que tudo ocorra da melhor forma possível, quando atuar na Sala de Recursos Multifuncional são eles: buscar sempre despertar a curiosidade do aluno, ser mediador na busca da autonomia, levar em conta se o que está no planejamento realmente vai proporcionar uma aprendizagem autônoma e contínua, não usar da superproteção com o aluno, pois acaba atrapalhando no seu processo de aprendizagem, dentre outros.

A escola inclusiva precisa garantir ao aluno com necessidades educacionais especiais o direito de desenvolver sua autonomia permitindo-lhe ser capaz de se ver como sujeito integrante e atuante de modificações na sociedade na qual está inserido, independentemente de suas dificuldades e limitações.

## 2.5. ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

As estratégias pedagógicas são métodos de ensino que utilizamos para alcançar o que queremos saber sobre o aluno, como ele aprende, em que contexto se encontra.

Bordenave e Pereira (2002) explicam que para ensinar precisamos ao mesmo tempo planejar, orientar e ter conhecimento da aprendizagem do aluno. As estratégias de ensino necessitam estimular diversas capacidades do sujeito. Observar, teorizar e sintetizar as informações relevantes deve fazer parte constante das atividades de ensino.

Isso nos mostra que as estratégias pedagógicas utilizadas para os alunos com D.I devem atender as necessidades do sujeito, despertando a sua atenção e facilitando o seu aprendizado. É fundamental ter conhecimento do que o aluno já sabe, para que se possa utilizar as estratégias que promovam o seu desenvolvimento contínuo.

De acordo com Tacca (2008, p)

a base da prática docente deve estar alicerçada no diálogo. A relação professor-aluno é, ao mesmo tempo; ativa e reflexiva; emocional e criativa construída na relação dinâmica indivíduo-sociedade visando à formação integral dos alunos. A sala de aula precisa proporcionar interação dialógica estreitando a confiança entre os participantes, construindo conjuntamente o conhecimento.

O professor precisa estar sempre em sintonia com o aluno, para que esse aluno possa atender ao que está sendo solicitado. Nesses momentos, o professor tem que estar atento aos sinais que o aluno traz a cada aprendizado, para assim conseguir trazer novas atividades que deixem o aluno preparado para o próximo passo. Deve haver uma continuidade das atividades propostas, para poder saber o que precisa ser aperfeiçoado. Não podemos ir adiante se não sentirmos que o aluno está preparado.

Por isso, enquanto professores, somos capazes de identificar o que o aluno é e não é capaz de fazer. O melhor caminho para se trabalhar, no entanto, é também, identificar as competências e habilidades que o aluno tem. É preciso redimensionar o conteúdo com relação às formas de exposição, flexibilizar o tempo para a realização das atividades e usar estratégias diversificadas, como a ajuda dos

colegas de sala, o que também contribui para a integração e para a socialização do aluno.

### **3. METODOLOGIA**

A presente pesquisa trouxe uma abordagem qualitativa, que conforme Minayo (2001, p.14):

[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto com aspectos da realidade que não podem ser quantificados.

O método que contempla a pesquisa é o estudo de caso, que, segundo Gil (2008), é caracterizado pelo estudo profundo de um objeto, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado.

A apresentação da metodologia desta pesquisa foi organizada em partes, que serão citadas abaixo, para melhor compreensão:

#### **3.1 INSTRUMENTOS:**

Como instrumento para a coleta de dados na presente pesquisa foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE C), que permitiu obter informações significativas aos pontos pesquisados. De acordo com MAY (2004, p.149):

[...] esse tipo de entrevista permite que as pessoas respondam mais nos seus próprios termos, do que as entrevistas padronizadas, mas ainda fornecem uma estrutura maior de compatibilidade do que nas entrevistas focalizadas.

Assim, o roteiro de entrevista foi constituído de 11 perguntas que permitiram subsidiar os objetivos da pesquisa.

#### **3.2 PARTICIPANTES:**

A pesquisa contou com 3 sujeitos participantes, educadoras especiais de escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul (RS), como descrito abaixo:

- 1 educadora especial que atende tanto na rede municipal quanto na rede estadual de ensino (E1);

- 1 educadora especial da rede estadual de ensino (E2);
- 1 educadora da rede municipal de ensino (E3).

Todos os participantes são do sexo feminino e são personagens importantes para a coleta de informações, por estarem diretamente envolvidas com a Educação Especial e com a Sala de Recursos Multifuncional.

O primeiro contato com as educadoras aconteceu através da troca de e-mail, explicando o referido tema da pesquisa, marcando uma data para a primeira conversa com as participantes.

### **3.3 LOCAL DA PESQUISA:**

A pesquisa foi realizada em escolas da rede pública, localizadas em município do interior do Rio Grande do Sul.

### **3.4 QUESTÕES ÉTICAS:**

Na intenção de preservar a identidade dos participantes da pesquisa utilizou-se a letra E e os numerais de 1 a 3 para identificação de cada um. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue e assinado após a aceitação de participação na presente pesquisa. Também foi salientado que os participantes não terão qualquer despesa financeira por participar da pesquisa, lembrando que todas as informações serão confidenciais.

### **3.5 PROCEDIMENTO DA COLETA DOS DADOS:**

Para a coleta dos dados foi aplicada uma entrevista semiestruturada, as participantes E1, E2 e E3 em duas etapas:

Primeira Etapa: Agendamento, via e-mail, para a visita de apresentação da pesquisa de TCC.

Segunda Etapa: Foram entregues as Cartas de Apresentação, TCLEs e realizadas as entrevistas em datas e locais combinados.



### **3.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS:**

As entrevistas realizadas foram captadas pelo gravador de voz do celular e, em seguida, transcritas para que fosse possível realizar a análise e discussão dos resultados. Realizou-se uma análise descritiva dos dados através das entrevistas coletadas.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS:

A partir da coleta de dados, para uma melhor compreensão dos resultados obtidos, foram elaboradas três categorias de análise, a partir das transcrições das entrevistas, com a finalidade de gerar discussões pertinentes para a pesquisa.

As categorias elencadas foram: Alfabetização, Estratégias Pedagógicas e Recursos Didáticos. Como veremos a seguir:

##### 4.1. Alfabetização

Esta categoria surgiu no intuito de conhecer sobre o que as participantes entendem por processo de alfabetização dos alunos com D.I.

*E1 diz: Pra mim alfabetização é todo um processo de letramento né, um processo então de leitura e escrita que vai se dando aos poucos desde a educação infantil até o 3º ano do ensino fundamental, dos anos iniciais. Tem alunos que a gente sabe que saem do ensino médio sem estar alfabetizado, então não necessariamente que tenha uma faixa etária certa.*

Já E2 relatou que:

*Alfabetização é um processo contínuo desde os primeiros garatujos. A compreensão da diferenciação dos traçados, identificação de letras e números. Identificação dos sons e do sentido das letras, compreensão espacial e os diferentes níveis testados nas provas piagetianas.*

Para finalizar E3 relatou:

*Minha concepção de alfabetização vem lá da Emilia Ferrero, lá de letramento, da construção social da linguagem e a construção dessa alfabetização gradativa, desse processo de entendimento que eu posso colocar no abstrato aquilo que é real pra mim. Pra mim alfabetizar é quando a criança está lendo, escrevendo, interpretando aí sim ela está alfabetizada se não é um período anterior pré-silábico que a gente chama.*

Cada educadora tem sua percepção sobre alfabetização, entendem de forma clara o sentido de alfabetizar. E1 falou da questão de leitura e escrita e que não tem idade certa para estar totalmente alfabetizado.

Segundo Ferreiro (1999, p. 23):

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita.

Cada criança tem seu tempo para aprender, ainda mais a que tem D.I, onde fica comprometido esse aprendizado.

Assim como E2 relatou que alfabetização acontece desde as primeiras letras escritas da forma que o aluno entende que é. Já E3 falou da alfabetização de uma forma mais profunda, trazendo Emília Ferreiro como referência para a sua concepção.

Emília Ferreiro traz o processo de alfabetização de um modo construtivista e que começa antes da escola. Ela também fala que a criança aprende conforme o nível em que está de aprendizagem.

#### **4.2.Estratégias Pedagógicas**

Esta categoria buscou quais estratégias pedagógicas são utilizadas para o atendimento dos alunos com D.I e se são eficazes para a aprendizagem dos alunos.A E1 relatou que:

*Então estratégias são as construções que a gente vai fazendo pra chegar ao nosso objetivo né, sejam elas construções que utilizem materiais ou não né mas que a gente atinja o objetivo da alfabetização.*

Quanto a aprendizagem ser eficaz, ela relatou:

*[...] felizmente as estratégias que eu venho utilizando tem sortido efeito aos meus três alunos que atualmente eu atendo em processo de alfabetização, eu tenho percebido, a coordenação do colégio também, os pais e a professora também que eles estão progredindo nesse aspecto né do processo de alfabetização.*

E2 por outro lado relatou que:

*[...] minha estratégia é a partir de algo concreto e que tenha sentido para o aluno, como a partir do seu nome. Identificação das letras, sons.*

Também relatou a eficácia de suas estratégias:

*[...]acredito que tem auxiliado no desenvolvimento dos alunos, porque todos os anos vemos o progresso no desenvolvimento dos mesmos. Mas o progresso é lento e cada um tem seu ritmo.*

Já E3 relatou:

*[...] as estratégias de alfabetização de qualquer criança é igual né...as estratégias de alfabetização da sala de recursos ou da sala regular pra mim não importa, importa o indivíduo no seu nível de desenvolvimento e de psicogênese da língua escrita.*

Assim, ela seguiu falando sobre a aprendizagem dos alunos e as estratégias utilizadas:

*[...] tem vezes que dá certo, tem vezes que não dá como tudo na vida né, mas eu acho assim que a maioria das vezes a gente vai percebendo o crescente, por isso dá importância da gente estudar o desenvolvimento humano. O mais importante realmente é unir a teoria que a gente já tem e onde é que a criança vem mostrando que ela está né.*

As educadoras E1 e E2 utilizam tudo o que é material concreto como estratégia para garantir a eficácia da aprendizagem dos alunos.

E3 relata:

*[...]eu não concebo educação e alfabetização sem o lúdico, não existe possibilidade de alfabetizar uma criança, principalmente, claro que pra jovens e adultos a gente tem outras estratégias de ludicidade que também tem que ser a partir do lúdico.*

A participante relatou que o lúdico está sempre nas suas atividades com os alunos com D.I em processo de alfabetização.

De acordo com Barata (1995, p. 9) que:

é pela brincadeira que a criança passa a conhecer a si mesma, as pessoas é que a cercam, as relações entre as pessoas e os papéis que elas assumem; é através dos jogos que ela aprende sobre a natureza e os eventos sociais, a dinâmica interna e a estrutura do seu grupo; as brincadeiras e os grupos tornam-se recursos didáticos de grande aplicação e valor no processo de ensino aprendizagem.

Os materiais utilizados com os alunos devem ajudá-los nas atividades de forma que torne o momento prazeroso para o atendimento. Não pode ser qualquer material e sim aquele que vai despertar a atenção do aluno para desenvolver a atividade.

#### **4.3. Recursos Pedagógicos**

Nesta categoria proporcionei a elas que listassem os diferentes recursos utilizados no processo de alfabetização dos alunos.

E1 diz que utiliza:

*[...] jogos pedagógicos de memória que envolvam letras, jogos que envolvam palavras, jogos de alfabetização. Eu uso muitos recursos da informática né que possibilitam o aluno em aprender o processo de alfabetização.*

Para E2:

*[...]os jogos, as rimas, quebra-cabeças, sequência de objetos, nomes, sílabas para construção de palavras, alfabetos móveis, fantoches, as histórias infantis são ótimos recursos para alfabetização e incentivo à leitura. Com os jovens utilizo reportagens, revistas e assuntos atuais.*

E3 além dos recursos, utiliza projetos para dar ênfase as suas atividades. Ela falou:

*muitos jogos que daí a gente inventa, caça ao tesouro, que na verdade são caça-palavras e caça-letras que eles vão descobrindo. Eu gosto muito de trabalhar com projetos, então cada projeto, por exemplo, essa semana o projeto é de animais, então essa semana nós vamos trabalhar todas as informações possíveis e as informações de alfabetização*

*também a respeito disso porque acredito que a alfabetização é um contexto não é aprender a ler e escrever, mas aprender um conteúdo daquilo que está se evidenciando.*

Os recursos servem para auxiliar no ensino-aprendizagem dos alunos. Podem ser construídos no processo pedagógico e/ou em materiais concretos. Eles são instrumentos que devem auxiliar a prática pedagógica e o planejamento e que de preferência sejam construídos com o aluno.

Voltando ao problema de pesquisa, quais as percepções das Educadoras Especiais frente à aplicação de estratégias pedagógicas no processo de alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual?

As Educadoras Especiais E1 e E2 mostraram em seus relatos que entendem como estratégias pedagógicas o uso de recursos pedagógicos para auxiliar seus alunos com Deficiência Intelectual no processo de alfabetização. Apenas E3 relatou a preocupação em saber o nível em que o aluno está mencionando sobre o lúdico como estratégia para que suas atividades sejam prazerosas. Todas obtêm êxito nos seus modos de educar esses alunos.

As estratégias pedagógicas devem ter foco nas potencialidades dos alunos, por isso o educador precisa conhecer, o aluno, e saber o que realmente vai auxiliá-lo para que sua aprendizagem seja efetiva. É importante compreender seus interesses e habilidades para desenvolver estratégias que potencializem o seu desenvolvimento.

A mensagem que as educadoras deixam é que não podemos ficar “acomodadas” depois de formadas, precisamos estar sempre nos atualizando. Tantas demandas apareceram como educadoras graduadas e para estarmos prontas precisamos buscar conhecimento, pois apesar de toda teoria que a graduação nos proporciona, na prática temos que utilizar métodos que satisfaçam a necessidades dos nossos alunos.

Também falam da importância de ser persistente e como profissional ser muito dinâmico, utilizar o bom senso em qualquer situação.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Esta pesquisa teve como finalidade conhecer as percepções de educadoras especiais na alfabetização dos alunos com Deficiência Intelectual. Ao identificar como estas fazem o seu trabalho, utilizando estratégias para o aprendizado desses educandos quanto à alfabetização, identificou-se que as respostas sinalizaram a importância de utilizar estratégias eficazes no processo de alfabetização. Através de materiais concretos e que possibilitem o seu aprendizado, destacando as potencialidades que ele tem. Não devemos focar apenas no que o aluno tem dificuldade, mas desenvolver mais ainda o que ele já sabe. Por isso o lúdico é utilizado nesse processo, para estimular e dar mais prazer ao educando na hora de realizar as atividades.

Como acadêmica da Educação Especial, posso dizer o quanto esses quatro anos ajudaram para minha atuação na prática de estágio e para fazer esta pesquisa. Também tantas informações que as participantes desta pesquisa trouxeram, ajuda a entender o que devo fazer para atrair meus futuros alunos e colocar em prática todo aprendizado e dedicação obtida ao longo do curso.

Através da prática é que irei saber o que vai dar certo ou não. Não existe uma fórmula que mostre o caminho para que se obtenha êxito em todas as atividades em que atuarei como Educadora Especial. Mas sim um aprendizado diário porque cada pessoa é única, cada uma com suas particularidades, formas de pensar e agir diferentes.

Este estudo proporcionou melhor entendimento do que as estratégias podem auxiliar no desenvolvimento do aluno com Deficiência Intelectual em processo de alfabetização. Pode-se dizer que este estudo traz benefícios ao meio acadêmico e o meu crescimento profissional através da experiência como pesquisadora.

Os objetivos propostos foram concluídos por meio da escolha dos instrumentos, coleta e análise descritiva dos dados. As questões de pesquisas foram discutidas e esclarecidas ao longo do desenvolvimento.

## 6. REFERÊNCIAS

AAIDD, Asociación Americana de Discapacidades Intelectuales y del Desarrollo. **Discapacidad Intelectual: Definición, Clasificación y Sistemas de Apoyo**. 11ª ed. Traducción Miguel Ángel Verdugo Alonso. Alianza Editorial 2011, p.31.

BARATA, Denise. **Caminhando com Arte na Pré-Escola**. São Paulo: Summer 1995

BRASIL. **Pró-letramento: alfabetização e linguagem**. Universidade Federal de Minas Gerais. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, Secretaria de Educação Especial, 1994.

BORDENAVE, J.D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DUTRA, Claudia. **Inclusão que Funciona**. In Nova Escola, setembro, 2003.

DA ROSA, Neiva Terezinha. **PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2017.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2

JANNUZI, G. M. **A luta pela Educação do Deficiente Mental no Brasil**. São Paulo, Cortez, 1985.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAZZOTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, A. G. S. S; SANTANA, C. L; SANTANA, C. L.: **A Educação Especial no Brasil: Acontecimentos históricos**. Set. 2012.



SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão/Construindo uma sociedade para todos.** 7.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SILVA.C, M. **Alfabetização e Deficiência Intelectual: Uma Estratégia diferenciada.** PARANÁ. 2016. Acesso em: 05 de set. 2018.

TACCA; M.C.V.R. **Aprendizagem e trabalho pedagógico.**2 edições. Campinas, SP: Alínea, 2008.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005 p.212.

## **7.APÊNDICES**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal de Santa Maria  
Curso de Educação Especial –  
Licenciatura



Disciplina: Desenvolvimento de Pesquisa  
Profissional

Apêndice

### **Dados de Identificação**

**Nome:**

**Idade:**

**Formação:**

**Tempo de atuação na área da Educação Especial:**

**Ano de formação no curso de Educação Especial:**

**Tempo de atuação na Sala de Recursos Multifuncional atual:**

### **Roteiro de Entrevista**

- 1) Comente sucintamente sobre a sua prática pedagógica em relação aos alunos em processo de alfabetização na SEM.**
- 2) Qual a faixa etária na sua SRM de alunos em processo de alfabetização?**
- 3) Qual a sua concepção sobre alfabetização?**
- 4) Qual a sua concepção sobre Estratégias Pedagógicas?**

- 5)** No que as estratégias pedagógicas auxiliam no aprendizado desses alunos que estão sendo alfabetizados?
- 6)** O que você utiliza de estratégias pedagógicas para suprir as necessidades dos seus alunos?
- 7)** Você costuma buscar novos conhecimentos sobre estratégias pedagógicas e alfabetização?
- 8)** Você consegue agregar as estratégias pedagógicas de sala de aula comum com as da Sala de Recursos Multifuncional?
- 9)** Algum professor faz adaptação em sala de aula para os alunos que frequentam a Sala de Recursos Multifuncional?
- 10)** Quais os recursos pedagógicos mais utilizados? Por quê?
- 11)** Sabemos que precisamos estar sempre atualizadas no que diz respeito a educação especial, diante disso que mensagem você deixa para quem está começando a atuar em relação a todo aprendizado que você teve na sua trajetória até aqui?



Universidade Federal de Santa Maria  
Curso de Educação Especial – Licenciatura  
Disciplina: Desenvolvimento de Pesquisa  
Profissional



Apêndice B–Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Eu, Darlene Ilha Gomes, estudante de Graduação em Educação Especial, noturno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), estou realizando uma pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada “Percepções de educadoras especiais no processo de alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual” sob orientação da Professora Doutora Glaucimara Pires Oliveira.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa, mas é importante lembrar que a sua participação não é obrigatória e a qualquer momento pode desistir de participar e retirar o consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. O procedimento não causará nenhum dano à integridade dos participantes e sua identificação será mantida sob sigilo. Poderá haver desagrado em alguns momentos com relação ao tempo despendido para a entrevista e alguns assuntos abordados. Sua participação auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos proporcionando maiores informações e discussões que podem trazer benefícios para a área de Educação Especial. Assim, os dados obtidos da entrevista serão apresentados em forma de trabalho de conclusão de curso e poderão ser apresentados em forma de artigo ou de resumo em congressos, seminários e publicados em diferentes meios como relato de pesquisa. Todas as 11 informações obtidas serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo nominal de todos os envolvidos.

Eu, \_\_\_\_\_ declaro aceitar participar da pesquisa e também declaro estar ciente de que minha participação é voluntária, podendo ser solicitado o desligamento a qualquer momento e que a minha identidade será preservada. Alego que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa. O pesquisador me informou que o projeto faz parte do seu TCC, do curso de licenciatura em Educação Especial, noturno, da Universidade Federal de Santa Maria.

Santa Maria, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Darlene Ilha Gomes

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Glaucimara Pires Oliveira (Orientadora)



Universidade Federal de Santa Maria  
Curso de Educação Especial – Licenciatura  
Disciplina: Desenvolvimento de Pesquisa Profissional



Apêndice C – Carta de Apresentação

### **APRESENTAÇÃO**

Ao cumprimentar, apresento-me como Darlene Ilha Gomes. Atualmente estou cursando o 9º semestre do curso de Licenciatura em Educação Especial – Noturno da

Universidade Federal de Santa Maria. Como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), referente à disciplina de Desenvolvimento Profissional e sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Glaucimara Pires Oliveira elaborei o projeto de pesquisa profissional intitulado:

“Percepções de educadoras especiais no processo de alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual”.

#### **OBJETIVO GERAL DA PESQUISA:**

“Analisar as percepções das educadoras especiais frente à aplicação de estratégias pedagógicas no processo de alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual”.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Verificar quais as estratégias pedagógicas que as educadoras especiais utilizam para auxiliar o aprendizado do aluno;
- Identificar as perspectivas das educadoras especiais na alfabetização do aluno com Deficiência Intelectual;
- Identificar recursos pedagógicos que as educadoras especiais utilizam para facilitar a alfabetização dos alunos com Deficiência Intelectual